

## **POSIÇÕES DA “CRÍTICA MODERNA”: O LUGAR DA LITERATURA BRASILEIRA EM DEBATE**

Simone Regina Dias<sup>1</sup>

Este texto sobre a crítica literária no Brasil apresenta um breve recorte sobre as abordagens de quatro expoentes a partir de determinada questão. Portanto, são forçadas as omissões de muitos nomes e de vários outros textos.

Ao tratar dos posicionamentos da “moderna crítica” brasileira, estamos lidando com uma emaranhada rede de relações entre seus ocupantes, ou, melhor dizendo, com as tensões e aproximações que permeiam e constituem o campo literário. As tomadas de posição, e aqui entram os textos, definem as apostas desses jogadores que se deslocam a cada novo lance. Sabemos que o princípio gerador e unificador desse ‘sistema’, já afirmou Pierre Bourdieu, é a própria luta. Se fecharmos o foco na crítica brasileira contemporânea, podemos distinguir algumas jogadas que, se não nos servem para definir o placar desse jogo, ao menos nos auxiliam a refletir sobre certos episódios de exímios jogadores desse campo, como Antonio Candido, Alfredo Bosi, Roberto Schwarz e Silviano Santiago.

Este ensaio partiu das seguintes questões: como descrever a preocupação destes críticos na relação entre a literatura brasileira e o cânone? Os textos eleitos defendem a perpetuação, a preservação ou a subversão da historiografia tradicional? Elegei alguns textos que dessem conta de apresentar posicionamentos sobre a problemática.

### **1º TEMPO: ANTONIO CANDIDO E ALFREDO BOSI**

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura – UFSC. Pesquisadora do Projeto Poéticas Contemporâneas – CNPq – UFSC. Professora da Universidade do Vale do Itajaí – Campus Biguaçu.

Em 1959, Antonio Candido publica *Formação da literatura brasileira*, livro que será, mais tarde, alvo de polêmicas, e que vem suprir a seguinte proposta: mapear e analisar os textos formadores do que se configurou como literatura brasileira. Ainda que “pobre e fraca”, gerada “no seio da literatura portuguesa”, a nossa seria, segundo o crítico, merecedora de leitura e análise, haja vista que “é ela, não outra, que nos exprime”<sup>2</sup>. O percurso é escolhido em função de um recorte: traçar os momentos decisivos da formação de uma literatura nacional.

Na *Formação*, o crítico pensa a “literatura” como um sistema de obras ligadas por denominadores comuns que permitem reconhecer as notas de uma fase<sup>3</sup>. Para tratar, então, desses momentos decisivos de nossa produção, Candido se restringe, nesta obra, a estudar o arcadismo e o romantismo, visto que nessas fases se constituiria efetivamente um sistema literário no país, integrando obras, autores e público, em uma dinâmica produtiva. Pode-se dizer que Candido elege textos que privilegiam a idéia de nação e constituem um sistema homogeneizante. Ficam de fora os textos que não se pautam por essa organicidade, caso de Gregório de Matos, o que acabou gerando polêmica.

Alguns autores, como Paulo Eduardo Arantes, defenderam o modelo utilizado por Candido na *Formação* como dedicado à apresentação de uma continuidade (diacrônica), ponto problematizado por Haroldo de Campos, em *O seqüestro do barroco na formação da literatura brasileira*, ao se valer de uma filosofia da história (sincrônica) questionadora do positivismo e do evolucionismo. Vale acrescentar, entretanto, que, apesar de postular o resgate do Barroco (Gregório de Mattos e Pe. Antonio Vieira) na re-leitura da historiografia da *Formação*, Haroldo reconhece, no fim de seu ensaio, um outro viés de leitura proposto por Candido e o repensar de

---

<sup>2</sup> CANDIDO, Antonio. Prefácio da 1ª edição. In: *Formação da literatura brasileira* (momentos decisivos). 4.ed. 1º vol. São Paulo: Martins, 1968. p.10.

<sup>3</sup> Entre esses elementos fundamentais para se dar a formação, distinguem-se: a existência de um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, que liga uns a outros.

sua “perspectiva histórica”, ao ressaltar a importância e o “novo desenho constelar e mosaical” de textos como “Dialética da Malandragem” (1970).

O próprio Candido viria a discutir a problemática da idéia da sucessão temporal homogênea nas abordagens das histórias literárias, alertando para a necessidade de uma virada metodológica nos hábitos historiográficos tradicionais.

Nas análises publicadas em *Tese e antítese*<sup>4</sup>, delineia-se um procedimento crítico que nos interessa: o deslocamento das obras na historiografia literária. Detenho-me, a título de exemplo, em uma análise publicada no mencionado livro (“O homem dos avessos”), e no ensaio antológico intitulado “Dialética da malandragem”, que obedece à mesma operação de leitura. Quero dizer, nesses textos, Candido expõe várias teses já sedimentadas, leituras de outros críticos sobre os textos abordados (*Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, e *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, respectivamente), para refutá-las e propor linhas de força inéditas na leitura das mencionadas obras.

“O homem dos avessos” traz uma reflexão sobre a obra maior de Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*, sugerindo a necessidade de uma leitura que perceba as leis próprias do universo do escritor, “cuja compreensão depende de aceitarmos certos certos ângulos que escapam aos hábitos realistas, dominantes em nossa ficção”<sup>5</sup>. A lógica de *Grande sertão*, diferente de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, é a fuga de qualquer naturalismo, levando o leitor não à solução, “mas à suspensão que marca a verdadeira obra de arte”. É preciso ler em Guimarães a experiência documentária, tão quanto é imprescindível mergulhar na atmosfera desta narrativa “onde se cortam o mágico e o lógico, o lendário e o real”.

---

<sup>4</sup> CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. *Tese e antítese: ensaios*. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978, p.119-139. O texto em questão foi escrito em 1957.

<sup>5</sup> Ibid., p.123.

“Se o leitor aceitou as premissas deste ensaio, verá no livro um movimento que afinal reconduz do mito ao fato, faz da lenda símbolo da vida e mostra que, na literatura, a fantasia nos devolve sempre enriquecidos à realidade do quotidiano, onde se tecem os fios da nossa treva e da nossa luz, no destino que nos cabe.”<sup>6</sup>

Dessa forma, conduz o leitor a outra chave para *Grande sertão: veredas*, propondo como antítese a leitura da narrativa a partir do deslizamento entre o real e o fantástico.

Ousaria dizer que, inserindo estas leituras que refutam as teses, Candido acaba por subverter cânone. O caso de “Dialética da malandragem” é ilustrativo: o crítico retoma as teses sobre o livro *Memórias de um sargento de milícias*, propostas por José Veríssimo, Mário de Andrade, Darcy Damasceno, sugerindo uma leitura que desloca o romance de Manuel Antônio de Almeida da tradição espanhola dos romances picarescos para outra tradição, lendo-o como romance fundacional da novelística brasileira – o primeiro “romance malandro”. A análise de Candido desloca-o para uma posição de destaque e, conseqüentemente, subverte o cânone. Nesse sentido, o crítico propõe uma análise das composições que valorizam a leitura desses textos e identifica uma linha que não figurava na historiografia literária convencional.

Destaco também a preocupação que norteia o texto “Literatura de dois gumes”<sup>7</sup> (1966), em que Candido demonstra a ambigüidade que marca nossa produção literária do século XVIII: por um lado, a herança cultural portuguesa, por outro, a glorificação do país. Ou seja, trata-se de uma literatura que celebra os valores ideológicos dominantes, mas incorpora também suas contradições (atitudes nacionalistas em embrião). Sua opção por deter-se no século XVIII é explicada: a produção do período define “com certa clareza as linhas da nossa fisionomia

---

<sup>6</sup> Ibid., p.139.

<sup>7</sup> CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

espiritual, configurando-se valores que influíram em toda a evolução posterior da sociedade e da cultura”.<sup>8</sup> Nossa literatura do período é faca de dois gumes, na medida em que encarna o duplo processo de integração e diferenciação, de incorporação dos valores e normas europeus para obtenção da expressão do particular, ou seja, “os aspectos novos que iam surgindo no processo de amadurecimento do País”.

Verifica-se, então, que Candido procura operar suas leituras com critérios muito bem definidos, que há, em seu processo eletivo, uma preocupação no que concerne ao vínculo das obras com as estratégias sociais, sendo, portanto, imperativo, em sua perspectiva, refletir sobre as relações entre o social e o literário. As reflexões sobre a literatura brasileira e o cânone aparecem em seus textos e, se em *Formação* a literatura brasileira aparece como galho menor e mais fraco, a trajetória de seus textos demonstra quão belos frutos ela pode produzir, disseminando, inclusive, outras espécies inaugurais, ou, ao menos, espécies que fugissem “às esferas sancionadas da norma burguesa”.

A perspectiva de outro crítico renomado, Alfredo Bosi, também professor da Universidade de São Paulo e autor de uma história literária -*História concisa da literatura brasileira* -, nos interessa aqui. Há diferenças entre as duas posturas: por exemplo, o acento na linguagem teórica marxista, bem mais pronunciado em Alfredo Bosi que em Candido. Vale dizer que Bosi toma, *a priori*, um ponto de partida distinto do de Candido<sup>9</sup>: vai do social ao estético, colocando ênfase nos aspectos ideológicos, que assumem grande importância nas análises. Bosi espelha-se na crítica de Otto Maria Carpeaux, manifesta a necessidade de se assumir posições e defende a resistência como valor literário.

---

<sup>8</sup> Ibid., p.172.

<sup>9</sup> Quero dizer que esta premissa é muito mais marcada em Bosi. Enquanto Candido defende uma postura do intelectual que reflete sobre a produção e suas relações com o social, em Bosi a ênfase está nas hipóteses ideológicas do texto.

Vejamos um dos ensaios publicados em *Dialética da colonização*, no qual Bosi parte da análise formal do texto, com o fim de chegar à hipótese ideológica, seu *partis pris*, fornecendo explícito privilégio aos dados históricos. “Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar”<sup>10</sup> parte de uma pergunta que o crítico procura responder: o indianismo de José de Alencar seria um produto nacional ou um subproduto europeu? Enquanto a Europa do século XIX revirava os túmulos dos personagens medievais e revivia seus momentos na literatura num reencontro com suas raízes históricas e culturais, o Brasil buscava suas origens retratando as figuras indígenas. O nosso Romantismo se mostrava, entretanto, receoso de qualquer espécie de mudança social. Apesar da tensão proporcionada pela Independência, o índio de Alencar vinha de cabeça baixa, em íntima comunhão com o colonizador. E então Bosi demonstra que Peri é voluntariamente escravo de Ceci e vassalo de Dom Antônio. O crítico demonstra que os valores atribuídos romanticamente ao nosso índio – o heroísmo, a beleza, a naturalidade – não brilham por si, apagados pela figura do conquistador, o que acaba tirando identidade e consistência do indianismo local. Tanto *Iracema* quanto *O Guarani* procuram a construção ideal de uma nova nacionalidade, onde emergem dominados bem disciplinados.

Observa-se, nesta e noutras análises deste livro, que o crítico transita pela análise formal, mas com o fim inequívoco de chegar à hipótese ideológica. Ao tratar das manifestações das culturas brasileiras, o crítico uspiano vê a resistência como possibilidade de contra-atacar a lógica da tecnoburocracia, mas sustenta que os obstáculos são muitos para se atingir a democratização. Um dos caminhos apontados por Bosi, em “Cultura brasileira e culturas brasileiras”<sup>11</sup>, texto redigido entre 79 e 80, retoma a necessidade de ação do projeto educador de Paulo Freire, de

---

<sup>10</sup> BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.176-193.

<sup>11</sup> BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: *Dialética da colonização*. Op. Cit. p.308-345.

levar o homem iletrado não à letra em si, mas à consciência de si, do outro, da natureza: educar para a liberdade.

Por fim, pode-se afirmar: a dialética de colonização que Bosi persegue é a luta entre modos de pensar localistas e projetos que visam à transformação da sociedade, propondo, em suas conclusões, uma cultura de resistência que enfrente as forças da desintegração<sup>12</sup>.

## **2º TEMPO: ROBERTO SCHWARZ E SILVIANO SANTIAGO**

Pode-se dizer que Candido fez escola, no sentido de que vários epígonos seguiram adotando suas prerrogativas de análise. Talvez o discípulo mais fiel ao mestre seja Roberto Schwarz, cujo discurso crítico refuta as análises imanentes que tratam com descaso o contexto social, e chega a figurar como um dos protagonistas, na década de 70, de uma das querelas de nossa crítica, ao denunciar o recalcamento do social por parte da crítica brasileira que havia sido seduzida pelo estruturalismo<sup>13</sup>. Os golpes desferidos, à época, por Schwarz, foram dirigidos àqueles que, em favor da cientificidade do objeto, deixavam de enxergar a estrutura social e o sujeito histórico implicados no discurso.

Dois textos particularmente nos interessam para pensar a questão da inserção da literatura brasileira: “As idéias fora do lugar” (1977) e “Nacional por subtração” (1986). Em ambos os ensaios, Schwarz problematiza a denúncia do mal-estar decorrente da experiência de caráter postiço, inautêntico, da vida cultural que levamos, refletindo sobre as relações e razões da dependência. Reflete sobre esta problemática eliminando a noção de dívida para com as matrizes européias e sustenta que o atraso tem uma vantagem: possibilita o potencial crítico.

---

<sup>12</sup> Idem. Olhar em retrospecto. In: *Dialética da colonização*. p.377-383.

<sup>13</sup> Nos anos 70, assistiu-se ao *boom* do pensamento estruturalista nas ciências sociais e no ensaísmo literário brasileiro, sobretudo naquele produzido nas universidades cariocas, o que desencadeou uma série de críticas, resistências e bombardeios de várias ordens, como na retomada do mote nacionalista ou na defesa de uma crítica social.

Em “Nacional por subtração”<sup>14</sup>, declara que não se trata de abandonar o mal-estar e passar ao pólo oposto, imaginando que bastaria não reproduzir a tendência metropolitana para inaugurar uma vida intelectual mais autêntica. Neste texto, Schwarz esmiuça as análises de Silvio Romero, alertando ao fato de que a denúncia do transplante cultural desemboca em uma perspectiva crítica “ingênua e difundida”, que pouco contribui para avançar a questão. Propõe, então, o abandono da visão dicotômica entre o nacional e o estrangeiro, o original e o imitado, pois estas oposições não permitem enxergar “a parte do estrangeiro no próprio, a parte do imitado no original, e também a parte original no imitado”. Noutras palavras, acredita na possibilidade de ser original, mesmo sendo cópia.

Em linha semelhante, “As idéias fora do lugar”<sup>15</sup> sintetizam o interessante argumento a partir do qual Roberto Schwarz desenvolve seus ensaios sobre Machado de Assis, publicados em *Ao vencedor as batatas*. A partir do reconhecimento da disparidade entre a sociedade brasileira, escravista, e as idéias do liberalismo europeu, Schwarz lança a seguinte questão: como conviveriam, lado a lado, a exploração do trabalho e o discurso liberal, que pregava a liberdade do trabalho e a igualdade perante a lei? No Brasil, adota-se o vocabulário burguês da igualdade e do mérito, que seria mero discurso vazio. O que acontece com a literatura? Nas palavras do crítico, “resulta daí um labirinto singular, uma espécie de vazio dentro do vazio”. Se não se podia praticar as idéias liberais, também não era possível descartá-las, e Machado consegue retratar e refletir, em suas obras, sobre este deslocamento.

Schwarz apresenta uma explicação histórica para justificá-lo, que “envolvia as relações de produção e parasitismo no país, a nossa dependência econômica e seu par, a hegemonia

---

<sup>14</sup> SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: *Tradição/ Contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

<sup>15</sup> Idem. As idéias fora do lugar. In: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.



intelectual da Europa, revolucionada pelo Capital”. Parte dessa análise para demonstrar de que forma aquele “torcicolo” acaba possibilitando a “originalidade nacional” na escrita de Machado de Assis. O crítico localiza a originalidade de Machado no abandono do purismo e na preferência pela mescla, que melhor caracterizaria a sociedade brasileira. O espelhamento das posições sociais umas nas outras e na diversidade dos estilos históricos não desmancha a realidade das classes sociais, pelo contrário, a intensifica.

Outro crítico que também se detém sobre a problemática da dependência cultural é Silviano Santiago. Detenhamo-nos na leitura do antológico ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”<sup>16</sup>, escrito em março de 1971, em que o crítico nos remete ao borgeano “Pierre Menard, autor de Quixote”, para pensar o papel do escritor latino-americano, vivendo entre a assimilação do modelo original, isto é, entre o amor e o respeito pelo já-escrito, e a necessidade de produzir um novo texto que afronte o primeiro e muitas vezes o negue.

Silviano parte da idéia de que a maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza, e decorre disto que a América Latina institui seu lugar graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, transfigurando os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo.

O crítico declara a falência de um método que se enraizou profundamente em nosso sistema universitário: as pesquisas que conduzem ao estudo das fontes e das influências. Toma a citação de Valéry - “O leão é feito de carneiro assimilado” – e sustenta a tese de que é possível, a partir desse lugar descentrado e do consumo dos textos “originais”, produzir, acrescentando um *plus*.

---

<sup>16</sup> SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

O “ritual antropófago” da literatura latino-americana, e daí também a brasileira, se realizaria “entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão”, entre o que se recebe do europeu e na periferia se transforma. Neste fio de navalha estariam as melhores obras escritas nas culturas dependentes. Ou seja, a meditação sobre a obra anterior conduz o escritor à transgressão ao modelo.

Já que tempo não nos resta para explorar esta perspectiva, uma questão ao menos merece ser levantada: qual a relação poderíamos estabelecer entre as hipóteses de Antonio Candido, apresentadas em “A dialética da malandragem”, e o viés de análise proposto por Silviano Santiago neste ensaio? Ou ainda, entre a perspectiva de Schwarz lendo Machado e o “entre-lugar do discurso latino-americano”?

É necessário sublinhar que os quatro críticos mencionados refletem sobre os lugares e os valores dos textos produzidos numa cultura “periférica” e sua inserção na história literária. Enquanto Bosi defende uma perspectiva que privilegia os aspectos ideológicos da obra e sua carga de resistência, que as fazem merecedoras do destaque, Candido e Schwarz demonstram nítida preocupação com a autonomia da literatura brasileira, propondo leituras que deslocam certas obras na historiografia tradicional, a partir de análises que versam sobre como determinados autores lidaram, de forma interessante, com as contradições locais. Silviano, por sua vez, opta pela valorização daquilo que é produzido na cultura dependente a partir do outro, na medida em que é na devoração lúcida que se transgride o modelo, concebendo um texto segundo com um *plus*, um algo a mais. O entre-lugar seria o lugar da diferença.

Por fim, é preciso dizer que, apesar da proposta de ler o campo literário a partir desses embates da crítica, não se trata de eleger vencedores ou perdedores. Neste campo, os embates prosseguem, reverberando e suscitando outras tensões, e isso é o que nos interessa.